

## **Entre buscar e pesquisa: Peter Burke destaca os desafios dos bibliotecários em contextos acadêmicos**



### **Peter Burke**

Doutor na Universidade de Oxford, professor de História das Ideias na School of European Studies da Universidade de Essex.

### **Maria Aparecida Moura**

Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP. Professora Titular da Escola de Ciência da Informação UFMG.

### **Carla Pedrosa**

Assessora de Comunicação do Sistema de Bibliotecas UFMG.

Com um percurso acadêmico dedicado à história do conhecimento, o professor Peter Burke, da Universidade de Cambridge, possui uma produção marcada pela interdisciplinaridade.

Na ocasião da conferência de abertura do XVIII Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (SNBU 2014), realizado em Belo Horizonte, o pesquisador concedeu

entrevista à Revista *Bibliotecas Universitárias: pesquisas, experiências e perspectivas* (RBU).

Burke destacou a importância do bibliotecário no processo de produção, classificação e circulação do conhecimento, com especial destaque à atuação desse profissional em contextos acadêmicos. Além disso, alertou para a distinção entre a pesquisa séria, cada vez mais imprescindível, e uma busca rápida por informações na internet. O pesquisador salientou que ainda é possível fazer uma pesquisa rigorosa e aprofundada na contemporaneidade.

**Maria Aparecida Moura - Qual é o papel das bibliotecas em sua trajetória como pesquisador?**

**Peter Burke (PB)** - O papel da biblioteca é, essencialmente, o de ser o lugar de encontrar informações que se transformarão em novas fontes. Se você perguntar não sobre as bibliotecas físicas, mas sobre os bibliotecários, então terei que fornecer uma resposta mais elaborada, porque bibliotecários são guardiões do conhecimento. Eles têm que armazenar os livros, torná-los acessíveis. Além disso, possuem um papel mais intelectual, pois, já que classificam os livros, estão sempre tomando decisões acerca da classificação do conhecimento. Estamos vivendo na era do que eu chamo de “explosão do conhecimento”. Explosão no sentido de expansão; o que é bom porque nós conhecemos mais coletivamente do que antes, mas também explosão significa fragmentação. Então, nesse contexto, nós precisamos de profissionais da informação que reordenem o “todo” e relacionem um tipo de conhecimento aos outros, classificando-os. E bibliotecários, não sozinhos, mas com outros acadêmicos, têm um papel importante nesse aspecto.

**Carla Pedrosa – Como as bibliotecas e os bibliotecários podem se beneficiar dos exemplos da história do conhecimento?**

**PB** – Acredito que alguns poucos bibliotecários têm sido, de fato, criativos, e seria interessante que suas ações fossem copiadas em todo o mundo. Minha biblioteca favorita é a do *Warburg Institute*, em Londres, cujo primeiro bibliotecário, o austríaco Fritz Saxl, era especialista em História da Arte. Ele acreditava que a biblioteca deveria

ser organizada de acordo com a lei da boa vizinhança, ou seja, os livros vizinhos deveriam tratar exatamente o mesmo assunto, instigando os leitores a, além de levar o livro que estavam procurando, pesquisar também nos outros livros “vizinhos” disponíveis na estante. Esse tipo de biblioteca (que favorece a lei da boa vizinhança) deve ser organizada por tópico e não por grandes categorias como “História” ou “Geografia”. Existem tópicos incríveis no mundo das bibliotecas. Eu me lembro de uma que dizia “O retorno do último imperador do mundo”. Há apenas cinco ou seis estudos sobre isso e estão todos juntos e, dessa forma, o sistema de vizinhança funciona muito bem. Para fazer a classificação das obras nesse sistema, é necessário ter bibliotecários acadêmicos, pois não se pode classificar o livro apenas pelo título, mas pela obra inteira. É fundamental lê-la por inteiro. Somente assim sabe-se exatamente onde colocá-lo na estante. O *Warburg Institute* teve uma sequência de bibliotecários acadêmicos – metade do tempo bibliotecário e a outra metade professores nas universidades. Pelo que eu saiba esse sistema ainda não foi imitado, mas seria maravilhoso se fosse.

**Maria Aparecida Moura - Em sua opinião, quais são os principais desafios dos bibliotecários acadêmicos na contemporaneidade?**

**PB** - Não estou seguro a respeito do número de desafios, mas há um que vem se arrastando ao longo dos anos, que é o desafio da “revolução digital”. À primeira vista, pareceu que as novas mídias tinham um papel minoritário. Em 1960, quando entrei na Universidade de Sussex, havia um bibliotecário que queria ser muito inovador. Para a surpresa de alguns estudiosos, ele disse: “Essa biblioteca terá não apenas livros, mas também imagens e gravações em fita cassete”. Isso era ótimo, algo extra, mas, atualmente, os “extras” estão tomando conta da biblioteca de tal forma, que eu fico pensando qual será o futuro dos livros impressos. Então, em alguns aspectos, a revolução digital é maravilhosa. Cria uma biblioteca sem paredes. Até mesmo as bibliotecas mais “abertas” são acessíveis apenas para algumas pessoas. A explicação mais óbvia é que, por ser um espaço localizado fisicamente, muitas pessoas não podem chegar até lá. Em uma vila na África, por exemplo, há uma enorme dificuldade para se chegar a uma grande biblioteca. Isso está, de alguma forma, sendo eliminado pela revolução digital. Os bibliotecários acolhem essa revolução. É possível economizar muito espaço e ficar livre daqueles fichários pesados e complexos. Todos

passaram a pesquisar no catálogo *on-line*, que é muito mais rápido e não ocupa nenhum espaço (físico). O problema é que a biblioteca sem paredes é também uma biblioteca sem livros. Primeiro, os jornais começaram a desaparecer, por serem disponibilizados *on-line*, deixando todo o espaço para os livros, mas agora há uma geração de estudantes que prefere ler *on-line* e isso é um problema, não apenas para bibliotecários, mas para o mundo. Quando eles olham para a tela dos computadores, tudo o que estão realmente lendo é o que foi escaneado, levando rapidamente a alguns tipos de informação, mas perdendo o sentido do livro como um todo, que possui conexões de argumentos a serem exploradas ao longo de 300 páginas. Você tem que se sentar confortavelmente e dispensar ao livro toda sua atenção para se acostumar com ele. Isso era relativamente fácil, pelo menos para a minoria das pessoas que iam para a universidade. Começo a refletir se essa importante habilidade será perdida neste contexto em que outras habilidades, que minha geração não possuía, estão sendo desempenhadas. Esse é, na minha visão, o grande desafio. Talvez haja outros, mas os demais bibliotecários terão que me dizer quais são.

**Carla Pedrosa - Qual é a distinção que o senhor estabelece entre a informação e o conhecimento? O senhor acha que essa distinção ainda é importante?**

**PB** - Há diferentes distinções feitas por diferentes pessoas. Eu acho muito conveniente pensar que informação é relativamente crua. Claro que não é completamente crua porque os seres humanos são programados para ver alguns aspectos do mundo e outros não. Por exemplo, os cientistas estão mais preocupados com o cheiro, mas, para nós, olhos e ouvidos são mais importantes. Conhecimento, então, é a informação que foi processada. Gosto de utilizar a metáfora de Claude Lévi-Strauss, que diz que o conhecimento foi cozido e cozinhar significa “processar a sério”. O conhecimento é contextualizado porque você não somente observa, você escreve o que vê. Além disso, ele precisa ser verificado. É necessário repetir o experimento para ver se obtém os mesmos resultados. E o conhecimento precisa ser classificado. Então, não somente os bibliotecários fazem a classificação, mas os cientistas e os acadêmicos também a fazem. Ademais, o conhecimento precisa ser sistematizado. Dessa forma, podemos colocar todos os processos juntos, “cozinhando”, e isso permite análises e compreensão. Conhecimento, em um estado relativamente cru, vem sem o entendimento, por isso,

precisamos trabalhá-lo, dando-o significado, para que possamos, de fato, aprender com ele.

**Maria Aparecida Moura – Professor, seus livros e pesquisas são marcados pela interdisciplinaridade. Qual é a importância de manter esse diálogo entre diferentes áreas do saber?**

**PB** – É muito importante porque, pessoas trabalhando em diferentes assuntos, às vezes estudam questões similares, mas não conhecem as pesquisas uns dos outros e estudam essas questões, algumas vezes, de perspectivas diferentes, por utilizarem disciplinas com diferentes tradições. Isso nos leva de volta para o *Warburg Institute*, originalmente, a biblioteca privada do acadêmico Aby Warburg. Ele não precisava trabalhar porque era filho de um banqueiro. Por isso, podia explorar livremente várias áreas do conhecimento. Aby transgredia sempre as fronteiras das disciplinas e alternava entre as artes, história, antropologia e outras áreas. Isso é algo muito importante na inovação e descoberta de conhecimentos. Essa interdisciplinaridade pode acontecer de duas maneiras. Pode ser a união de pessoas que especializaram em diferentes disciplinas, em uma pequena Conferência, digamos, trocando ideias. É um bom começo, mas não é o suficiente. Acredito também ser importante mantermos viva uma rara espécie intelectual, que agora definitivamente é uma espécie ameaçada: o sábio; aquele que sabe muito sobre várias disciplinas e estuda a fundo história, antropologia, sociologia, matemática, geografia etc. Esse tipo de pessoa é capaz de conectar os diferentes assuntos de uma maneira melhor do que um grupo de 10 ou 15 acadêmicos trocando ideias ao redor de uma mesa. Restam pouquíssimos indivíduos assim. É muito importante manter um ambiente em que essas espécies intelectuais possam florescer. Darei um exemplo: o pesquisador Jared Diamond. Ele começou a vida intelectual como fisiologista. Então se tornou interessado em ornitologia e, como resultado, foi estudar alguns pássaros na Nova Guiné. Lá, ficou interessado em linguística, por estar em um país com centenas de línguas e também se interessou por antropologia, porque estava vivendo em uma sociedade muito diferente dos EUA, onde ele cresceu. Então, aprendeu todas essas disciplinas e decidiu também estudar história. Foi quando escreveu três livros famosos nos quais mesclou o conhecimento científico ao histórico e produziu

interessantes teorias. Jared Diamond é um exemplo vivo da interdisciplinaridade que, eu espero, não desaparecerá nas próximas gerações.

**Carla Pedrosa - Em que medidas as técnicas e tecnologias de organização do conhecimento influenciam o processo de construção do conhecimento?**

**PB** - Essa é uma pergunta difícil, pois eu terei que evitar fazer profecias. Se voltarmos ao passado, talvez, haja uma maneira de dizer como a tecnologia modificou a realidade. O período que eu mais estudei se refere à época da invenção da imprensa com os tipos móveis e as consequências intelectuais disso. Falarei sobre o sistema chinês que, claramente, é o mais antigo. O que acontece com a impressão? Você tem padronização. No fim da era, havia muitos manuscritos e cada manuscrito era diferente dos demais. Os copistas ou estudiosos se sentavam para copiar um livro, mas o que produziam nunca era uma cópia exata. Primeiramente, havia erros, já que os manuscritos eram produzidos de duas formas. Em uma delas, os copistas se sentavam em uma mesa e copiavam o livro que queriam. Nesse método, há sempre a chance de se perder uma linha. Por exemplo, quando duas linhas consecutivas começam com a mesma palavra, é muito fácil deixar a segunda linha “de fora”. A outra forma era a produção massiva de manuscritos. Isso aconteceu mais no final da era, na Roma Antiga. Consistia em uma sala cheia de copistas. O manuscrito era lido em voz alta por um colaborador. Sempre alguém não compreendia bem e escrevia uma palavra que soava semelhante, mas não tinha o significado correto. Por essas questões, sempre havia diferenças. Além disso, mais criativamente, os copistas não queriam fazer uma cópia exata. Pense como se você estivesse fazendo uma cópia para si mesmo. Certamente, deixaria de lado algumas partes que não o interessam. Por exemplo, se no momento da cópia, pensasse em algo e achasse muito complicado se levantar e encontrar outro pedaço de papel para escrever, continuaria a escrever no mesmo papel, mas, dessa vez, da sua maneira. Conclusão: todo manuscrito é diferente em vários aspectos. Com a impressão, isso é minimizado. É claro que você pode escrever nas margens dos livros, o que os torna diferentes, mas não é como se uma parte do livro estivesse diferente. Então, os manuscritos eram feitos de maneira customizada, para usos individuais, e os livros eram produtos padronizados. Eram mais baratos, mas como os produtos de baixo preço, não possuíam sempre a mesma qualidade que aqueles mais caros que estavam substituindo. O mais engraçado

da “revolução digital” é que, de alguma forma, ela traz à tona as condições das palavras dos manuscritos, porque podemos customizar, ou seja, “baixar” os livros e modificá-los. É provavelmente uma boa ideia usar um sistema que controla as alterações, porque algum dia, provavelmente, iremos querer saber o que o livro original dizia, sem estar mesclado com os comentários. E também há um aplicativo que você pode sublinhar quando está lendo na tela do computador. Além disso, é possível escrever na margem quando se está lendo na tela. Então, o eletrônico está se tornando cada vez mais próximo da produção dos manuscritos. Isso dá certa liberdade e eu poderia esperar que causasse um impacto no conhecimento. No entanto, como estamos nos primórdios da “revolução digital”, é difícil prever se seria uma mudança relativamente superficial, ou o início de um modo diferente de pensar. Pense em um homem que deveria estar vivo na “revolução digital”, mas que morreu muito cedo, o canadense Marshall McLuhan. Ele estava muito interessado se seria possível escapar, de uma maneira linear, de aprender o conhecimento. McLuhan amaria a era digital, porque é possível “se mover” de uma maneira diferente, de forma natural. Você clica em algo, vê o *link* de alguma outra coisa e clica nele. Então, não é sequencial, na ordem das páginas. Você vai para um texto diferente, de outra pessoa, e ele fornece outro *link*, você clica nele e assim por diante. Dessa forma, a leitura se dá por associação de ideias. É provável que isso promova, de fato, um impacto profundo no nosso modo de pensar, mas esse processo começará com a geração digital, com os netos. Eu vejo crianças em minha casa, minhas netas, enteadas, que não conheceram um mundo sem celular, e, é claro, seus pequenos dedos são muito mais ágeis operando essas máquinas. Já que cresceram com tudo isso, todo o processo de pensamento delas está aberto a ser formado de uma maneira que o meu não foi. Eu sou uma criatura da impressão tardia, mesmo vivendo agora na era digital. Então, estou certo que dentro de 30/40 anos, veremos, de fato, importantes mudanças, mas, infelizmente, não posso dizer, em detalhe, quais serão...

**Maria Aparecida Moura - Quais foram as contribuições do Dewey e Paul Otlet para a história das bibliotecas e do conhecimento?**

**PB** - Eles contribuíram de maneiras similares, mas, em alguns aspectos, diferentes. Melvil Dewey foi um bibliotecário profissional de destaque, porque ajudou a criar a profissão de bibliotecário ao fundar uma escola de Biblioteconomia, entre outras coisas.

Ele tinha uma mente prática e estava interessado em todos os tipos de detalhes, até mesmo na cultura material das bibliotecas. Dewey insistiu na utilização de tapetes, porque ajudaria a reduzir os ruídos e facilitar a concentração dos leitores. Por outro lado, Otlet foi um visionário, que possuía uma visão de um mundo de conhecimento para além dos livros, incluindo imagens, gravações, entre outros. Se as fotografias de Otlet no *Mondaneó* forem, de fato, precisas, então, podemos concluir que ele não era um homem com o mesmo senso de praticidade do Dewey, porque todas as imagens de Otlet no trabalho mostram-no em uma incrível confusão; uma bagunça de papéis, livros e parecia não haver nenhum tipo de organização. Eu suponho que seus bilhões de fichas foram organizados, em uma boa ordem, por outras pessoas. Dewey, por sua vez, o homem prático, empreendedor, encontrou uma empresa para vender suas fichas famosas para outras bibliotecas. E, por outro lado, Paul Otlet, o idealista, acreditava que a paz mundial só seria possível por meio de um Estado e de uma cidade, que, por sua vez, seria melhor se possuísse um local como o *Mondaneó*: o centro para todos os tipos de conhecimento do mundo.

### **Carla Pedrosa - Qual é a contribuição da Wikipédia e da Enciclopédia para a história do conhecimento?**

**PB** - É uma pergunta interessante, já que coloca a tradicional Enciclopédia e a Wikipédia juntas, do mesmo lado, com outras contribuições em outro lado. Começaria por distinguir as diferenças entre “buscar” e “pesquisar”. “Buscar” é quando se procura por uma informação rapidamente, por um tópico, mas de uma maneira que não o permite ser realmente crítico. Na metade do século XVIII, uma enciclopédia em papel era organizada em ordem alfabética, o que quebrava as conexões orgânicas do conhecimento. Então você vai direto para o volume certo, o abre e lê o artigo, se informa, mas não sabe nada sobre o autor do artigo, nem tampouco onde ele conseguiu aquela informação. Você acredita nele porque está com pressa, ou porque não quer fazer uma pesquisa séria. Wikipédia é apenas uma versão mais rápida disso. Eu fiz o teste. Procurei por uma mesma informação nas duas fontes. Nos meus estudos, peguei um volume da Enciclopédia, abri na página que buscava e voltei para minha escrivaninha. E então fiz novamente na internet, cliquei e levei metade do tempo. Em suma, a Wikipédia tem o mesmo problema da Enciclopédia, exceto pelo fato de avisar os

leitores que, o que estão lendo, pode não ser fiel. Além disso, avisa: “esse artigo pode ser aperfeiçoado”, e lembra o leitor que o texto pode não ter usado recursos suficientes. Convida-o também a completar o artigo, incorporando mais recursos. Então, retrospectivamente, desejaria que as enciclopédias impressas também tivessem esses “avisos de saúde” da mesma forma que a Wikipédia, mas é claro que a tecnologia (da época) não o permitia. Por outro lado, há muitos lugares para a pesquisa real. A maneira mais simples é: você lê o livro, encontra algo interessante, olha para o rodapé da página e há uma nota que o leva para outro livro. Em uma grande biblioteca, você consulta esse outro livro e encontra algo interessante e mais detalhado, mas há outra nota e o segundo autor te leva para um terceiro. Então, você volta para o primeiro livro. Alguém viu algo, escutou algo. E é assim que o conhecimento começa. Isso é a pesquisa séria, que continua a “tomar muito tempo”, ou seja, é demorada. Continua a envolver viagens, porque, para aprofundar a pesquisa, talvez seja necessário ir a uma grande biblioteca, ou a um arquivo de manuscritos, por exemplo. Essas duas ações são conectadas, mas são separadas, e nós precisamos de ambas. Espero que no mundo digital, que está cada vez mais à tona, haja espaço para pesquisa, além da busca. Há sinais de que isso está acontecendo. Por exemplo, nos arquivos espanhóis, milhares de preciosos documentos do século XVI estão agora disponíveis *on-line* e isso ajuda os pesquisadores. Por exemplo, um especialista norte-americano nesse período da história, que possui uma limitação física para ir ao Arquivo de Salamanca, pode continuar sua pesquisa. De seu local de estudo, ele clica e é instantaneamente levado ao manuscrito que precisa. Se você tem dificuldades para ler, também há uma solução. É possível ampliar uma página ou uma palavra quatro vezes o tamanho original e, dessa forma, é muito mais fácil lê-la. Então, há um espaço para a pesquisa no mundo digital. Apesar de as tecnologias mudarem, as técnicas fundamentais não mudarão.

**Maria Aparecida Moura - Fale sobre você enquanto bibliotecário.**

**PB** - Fui bibliotecário por um curto período. Acho que por 4/5 anos e é diferente ser um bibliotecário da Faculdade de Cambridge, de ser um bibliotecário de uma biblioteca pública. Na Faculdade de Cambridge, os professores têm o título de bibliotecário ou arquivista, mas outras pessoas que estão sendo pagas, de fato, estão fazendo o trabalho. Então o que eu fazia? Acolhia recomendações de todos os professores da Faculdade.

Fazíamos tudo democraticamente, porque senão eu não saberia as necessidades de um estudante de Química e assim por diante. Se um professor da área dissesse que tínhamos que comprar determinado livro, eu comprava. E então vem a questão da classificação dos livros. Tivemos uma discussão interessante. A equipe da biblioteca consistia de três pessoas e, por isso, nos conhecíamos bem. De fato, estávamos em uma Faculdade de Cambridge com apenas 400 estudantes e com cerca de 50 professores. Todo mundo se conhecia. Por um longo período, talvez desde a fundação da Faculdade, em 1584, a Biblioteca tinha seu próprio sistema. Não seria melhor adotar um sistema padrão? Se fôssemos adotar um sistema padrão, qual deles adotaria? Obviamente poderíamos ter o sistema de Dewey ou da Biblioteca do Congresso. Conversamos sobre isso e decidimos que utilizaríamos o sistema de Dewey. Levou anos. Então, o pessoal da Biblioteca, por cerca de 3/4 anos, reclassificou os livros colocando novas etiquetas neles. Chamo isso de *Deweyficação* da Biblioteca. Então, eu tinha algum papel nisso, mas, na maioria das vezes, esse trabalho era feito por outras pessoas, e também havia os problemas práticos de iluminação e manutenção do sistema de segurança. Queríamos que a Biblioteca funcionasse 24 horas, mas não queríamos que os estudantes tivessem chaves e acesso quando o prédio não estivesse supervisionado, porque eles poderiam levar os livros para casa, sem o devido controle, e isso seria um problema. De qualquer forma, introduzimos um sistema eletrônico de segurança. Os estudantes podiam entrar, mas eram identificados pelo cartão da Biblioteca, então, se houvesse qualquer problema de perda de um livro, saberíamos quem estava no local naquela determinada hora, no meio da noite. E, novamente, eu lidei com os detalhes práticos. Tínhamos um comitê da Biblioteca, com cerca de quatro pessoas, que discutia essas questões. Outro fato engraçado é que tínhamos que anunciar vagas de assistentes de bibliotecários e tínhamos que fazê-lo no jornal profissional da Biblioteca na Inglaterra. E havia um anúncio de uma vaga requerendo um assistente de biblioteca com diploma, mas o bibliotecário não tinha um. Isso estava errado. Os bibliotecários deveriam também possuir um diploma. Então mudamos o título. Eu me tornei o bibliotecário assistente e o assistente se tornou o bibliotecário, então os bibliotecários profissionais ficaram satisfeitos. Para mim, a melhor parte é que eu não tinha que pedir permissão a ninguém. Podia ir ao acervo e procurar por um livro do século XVII, sentar-me e ler, o que, para historiadores, é muito emocionante. Eu não levava a obra para casa. Algumas

faculdades de Cambridge deixam os professores levarem, até mesmo os livros antigos, para seus aposentos e, é claro, há casos famosos de professores que se esquecem de devolver o livro e, somente depois de morrerem, as pessoas encontram, nos aposentos, as obras que pertencem à Biblioteca e, finalmente, as recuperam. Essa é uma aventura que eu não presenciei, mas foi muito bom fazer esse trabalho de bibliotecário, mesmo dessa forma: possuindo o título, mas sem ter que cumprir muitos dos deveres e obrigações. Ainda assim, foi muito interessante estar envolvido no dia a dia do trabalho, com os problemas diários de uma biblioteca para estudantes.

Informação bibliográfica deste texto, conforme a NBR 6023:2002 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT):

BURKE, Peter. Entre buscar e pesquisar: destaca os desafios dos bibliotecários em contextos acadêmicos. Entrevistadoras: Maria Aparecida Moura e Carla Pedrosa. Entrevista concedida em 17 novembro 2014. *Bibliotecas Universitárias: pesquisas, experiências e perspectivas* em 17 novembro 2014. Belo Horizonte, v. 2, número especial, p. 80-90, fev. 2015.

Recebido em: 22.11.2014

Aceito em: 17.12.2014